



**Centro Universitário de Brasília – UniCEUB**  
**Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FASA**  
**Curso: Comunicação Social**  
**Habilitação: Jornalismo**  
**Disciplina: Monografia Acadêmica**  
**Professora Orientadora: Mônica Prado**

## **A maneira como o *Correio Braziliense* percebeu e noticiou as festas de música eletrônica entre junho e setembro de 2005**

**Carlos Estevam Rodrigues F. Assen**  
**RA – 20214370**

Brasília, maio de 2007



**Centro Universitário de Brasília – UniCEUB**  
**Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FASA**  
**Curso: Comunicação Social**  
**Habilitação: Jornalismo**  
**Disciplina: Monografia Acadêmica**  
**Professora Orientadora: Mônica Prado**

## **A maneira como o *Correio Braziliense* percebeu e noticiou as festas de música eletrônica entre junho e setembro de 2005**

**Carlos Estevam Rodrigues F. Assen**  
**RA - 20214370**

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do UniCEUB como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em jornalismo sob orientação da professora Mônica Prado.

Brasília, maio de 2007.



**Centro Universitário de Brasília – UniCEUB**  
**Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FASA**  
**Curso: Comunicação Social**  
**Habilitação: Jornalismo**  
**Disciplina: Monografia Acadêmica**

### **Membros da Banca Examinadora**

---

Prof. Mônica Prado  
Orientadora

---

Prof. Luzia Giffoni  
Examinadora

---

Prof. Cláudia Busato  
Examinador

**Menção Final:** \_\_\_\_\_

Brasília/DF, maio de 2007

## **Dedicatória**

Esta monografia é dedicada a todos aqueles que colaboraram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho, em especial à minha família e mestres.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar como o jornal candango *Correio Braziliense* percebeu e noticiou as festas de música eletrônica e os frequentadores destes eventos no período de junho a setembro de 2005. Para a análise das matérias veiculadas durante os meses estudados, fez-se necessária a busca e posterior avaliação do material publicado naquele período, a percepção quanto ao aprofundamento ou não dos temas levantados e uma análise para apontar se houve esclarecimento e elucidação dos pontos, termos e assuntos relacionados ao tema da monografia. O trabalho pretende, também, avaliar se a cobertura e o tratamento da música eletrônica pelo *Correio Braziliense* foi satisfatória, se explicou e alimentou o leitor com informações fundamentais sobre o assunto e se houve imparcialidade e coerência no material publicado.

**Palavras-chave:** Música eletrônica, *rave*, jornalismo cultural.

# Sumário

1 introdução.....	6
1.1 Justificativa .....	7
1.2 Contextualização .....	8
1.3 Objetivos.....	12
1.3.1 Objetivo geral.....	12
1.3.2 Objetivos específicos.....	12
1.4 Descrição sucinta da metodologia .....	13
1.5 Apresentação da estrutura e da organização da monografia .....	14
2 Desenvolvimento .....	15
2.1 Embasamento teórico .....	16
2.2.1 Com quem e o que foi feito? .....	20
2.2.2 O que foi feito?.....	21
2.2.3 Tabela.....	20
2.3 Apresentação e discussão .....	22
3 Considerações finais .....	25
4 Referências Bibliográficas .....	26
5 Anexos .....	28

## 1. Introdução

O trabalho pretende analisar de que forma o *Correio Braziliense*, jornal de maior circulação do Distrito Federal, tratou e noticiou o tema música eletrônica no segundo semestre de 2005. Perceber a periodicidade que o tema apareceu no veículo, se recebeu ou não destaque no jornal, quais foram os assuntos freqüentemente relacionados à música eletrônica e como as matérias foram distribuídas nos cadernos fazem parte dos objetivos deste estudo. Cabe analisar, ainda, se o *Correio* cumpriu com o papel informativo de um bom veículo de comunicação, se orientou de forma correta e isenta o leitor e, também, se tratou o tema de forma aprofundada e explicativa ou somente citou os acontecimentos da cena da música eletrônica de forma superficial e desinteressada.

## 1.1 Justificativa

A principal razão que me fez optar por este tema é o fascínio e interesse sobre música eletrônica que cultivo há sete anos. O movimento dos *clubbers* ou *ravers*, aqueles que freqüentam as festas de música eletrônica ou *raves*, vem evoluindo e se fazendo notar expressivamente nas sociedades contemporâneas, especialmente nas duas últimas décadas. Minha experiência pessoal me fez perceber a lacuna ainda existente na cobertura e explicação do que são estes eventos, como eles acontecem e o que eles representam para os freqüentadores destas festas. Após pesquisar, percebi que não havia nenhum trabalho que envolvesse os temas música eletrônica e jornalismo no UniCEUB – prova disso foi a dificuldade enfrentada para localização de bibliografias que envolvessem o tema da monografia e até mesmo estudos sobre o jornalismo cultural brasileiro – e decidi, então, realizar este estudo.

Quanto ao período escolhido para análise, de junho a setembro de 2005, também pesou na escolha minha experiência pessoal. O segundo semestre de 2005 foi um período particularmente movimentado e conturbado, de acordo com minha memória e experiência, no cenário eletrônico. As *raves* estavam presentes com uma certa freqüência na mídia e eu participei da maioria das festas e festivais mencionados no trabalho. Optei, então, por analisar como se deu a cobertura do jornal impresso de maior circulação da capital quando tratava do tema música eletrônica.



## 1.2 Contextualização

Para a análise da situação atual do jornalismo cultural brasileiro, é importante visitar alguns momentos cruciais por ele atravessados no século XX. Segundo Daniel Piza (2003), o jornalismo do início do século passado – as duas primeiras décadas – foi marcado pela valorização do crítico profissional, aquele que “não só analisa as obras importantes a cada lançamento, mas também reflete sobre a cena literária e cultural” (PIZA, 2003, p.32). Os jornalistas com estas características – e muitos deles também escreviam romances, como Lima Barreto – ganhavam espaço e reconhecimento nos veículos impressos.

Em 1928, o surgimento da revista *O Cruzeiro* foi outro importante acontecimento para o jornalismo cultural brasileiro. A revista foi um sucesso de vendas, o que garantiu que nos anos 30 e 40 ela fosse considerada “a revista mais importante do Brasil por sua capacidade de falar a todos os tipos de público” (PIZA, 2003, p.33). Ainda segundo o autor, outro fato que não pode deixar de ser mencionado é a importância da crônica no jornalismo cultural brasileiro nas primeiras décadas do século passado. “[...] a crônica sempre teve espaço fixo nas seções culturais de jornais e revistas brasileiros e, portanto, é uma modalidade inegável do jornalismo cultural brasileiro” (PIZA, 2003, p.33).

No período que se seguiu – as décadas de 50 e 60 – a crítica ganhou espaço e se instalou definitivamente no jornalismo cultural brasileiro. Nomes como Álvaro Lins e Otto Maria Carpeaux (ambos escreviam para o jornal *Correio da Manhã*), se destacaram por aliar “visões políticas sensatas e apurado estilo ensaístico” (PIZA, 2003, p.34) no material publicado naquele período. O *Correio da Manhã* também criou, nos anos 50, o *Quarto Caderno*, que trazia publicações culturais e que teve participação de nomes como Carlos Heitor Cony, Paulo Francis e Ruy Castro.

Por sua vez, o *Jornal do Brasil* se modernizou em 1956 e lançou o *Caderno B*, tornando-se “o precursor do moderno jornalismo cultural brasileiro” (PIZA, 2003, p.37). Por lá, nomes como Clarice Lispector, Ferreira Gullar e Bárbara Heliodora faziam a cabeça da nova geração. No mesmo período, o *Estado de S. Paulo* cria o *Suplemento Literário* e “lança um modelo que seria mais tarde seguido por todos os cadernos de livros” (PIZA, 2003, p.37).

Nos anos 70, destacam-se a criação da revista *O Pasquim* e do semanário *Opinião*, que marcaram época com suas publicações críticas e bem estruturadas. Mas foi somente na década de 80 que dois dos principais jornais brasileiros criaram seus cadernos culturais diários. Enquanto a *Folha de S. Paulo* lançava o *Ilustrada*, o *Estado de S. Paulo* aparecia com o *Caderno 2*. Estes “dois cadernos fizeram história de meados dos anos 80 até o início dos anos 90” (PIZA, 2003, p.40), acompanhando a explosão cultural que veio com a redemocratização do país.

A década de 90 foi marcada pela inclusão de assuntos que não integram as chamadas *sete artes* (literatura, teatro, pintura, escultura, música, arquitetura e cinema), como moda, *design* e gastronomia. Esta ampliação dos temas tratados nos cadernos culturais se fez necessária devido a crescente exigência dos leitores quanto à presença, nos jornais, de assuntos que fazem parte do cotidiano e que são úteis para a formação e informação deles (PIZA, 2003).

Segundo Piza (2003), o momento atual do jornalismo cultural brasileiro é caracterizado pela insatisfação dos leitores quanto ao material publicado, especialmente nos cadernos dos grandes jornais. De acordo com o autor, existem três principais problemas enfrentados: 1) o forte atrelamento à agenda, que acontece na medida em que os cadernos culturais se limitam a divulgar eventos, lançamentos de filmes ou estréias no teatro, esquecendo-se de discutir mais profundamente os temas abordados, os artistas ou escritores em questão, enfim, o texto costuma não contextualizar e explicar ao leitor os assuntos tratados de forma suficiente. Das 20 publicações sobre a música eletrônica estudadas, entre junho e setembro de 2005, cinco serviram somente para divulgar festas embaladas pelos ritmos eletrônicos. Isto significa que este agendamento, esta simples divulgação de eventos e festas, é um traço marcante na cobertura sobre a cena eletrônica pelo *Correio Braziliense*; 2) o tamanho e qualidade dos textos – uma das maiores reclamações de jornalistas e leitores é quanto à falta de espaço para as publicações culturais nos cadernos dos jornais diários. Além disso, a qualidade do texto, muitas vezes, não satisfaz ou sequer entretém o leitor. Nas matérias estudadas sobre música eletrônica do *Correio*, o espaço reservado ao assunto foi relativamente pequeno e mesmo quando recebeu algum destaque, faltou criatividade e aprofundamento nos assuntos tratados; e 3) a

marginalização da crítica que aparece “com poucas linhas e pouco destaque visual, mais e mais baseada no achismo, no palpite, no comentário mal fundamentado mesmo quando há espaço para fundamentá-lo” (PIZA, 2003, p.63).

Ainda existem outros males que assolam o jornalista cultural contemporâneo. Um deles é a intenção existente de igualá-lo ao jornalismo econômico ou político, que têm uma quantidade muito maior de informações quentes, de última hora (*hard news*) por dia – o que se revela como tentativa impraticável. Somado a isso, existe o pensamento no meio jornalístico quanto a manutenção dos padrões: a presença do *lead* (parágrafo introdutório do texto de uma matéria que contém as informações fundamentais da notícia), verbos quase sempre presentes nos títulos das reportagens, parágrafos curtos, diagramação pouco diferenciada. Vale ressaltar também que “poucas vezes os cadernos culturais têm ganhado chamadas na primeira página” (PIZA, 2003, p.65) – assertiva que se faz notar neste estudo – além do fato deles serem um dos que mais sofrem com os cortes de verba por possuírem quantidade razoável de colaboradores de fora do jornal.

Existe também falta de criatividade nas publicações quando nelas são tratados temas inusitados, diferentes, desconhecidos ou que estejam em voga. Piza (2003, p. 83) utiliza o exemplo das festas de música eletrônica para ilustrar o desafio enfrentado pelo jornalismo cultural:

Ou quando tem de mostrar determinado comportamento cultural em alta - digamos, a moda das “raves”, que misturam música eletrônica e drogas como o *Ecstasy* – e, sem preconceito, mas com senso crítico, traçar suas origens, discutir suas implicações, ouvir as diversas opiniões sobre o assunto.

A música eletrônica – aquela criada utilizando-se equipamentos e instrumentos eletrônicos, como sintetizadores, gravadores digitais e softwares específicos de composição –, por sua vez, só passou a ganhar espaço, ainda que tímido, nos cadernos culturais dos jornais impressos somente nesta última década, apesar do movimento eletrônico já existir há algum tempo.

Existe divergência quanto ao momento de origem da música eletrônica. Contudo, na maioria dos *sites* visitados para a realização desta pesquisa, houve unanimidade quanto a uma banda e sua relação com as raízes da música eletrônica: a Kraftwerk. Composto por quatro alemães, o grupo marcou a década de 70 ao associar a utilização de elementos eletrônicos e robótica para a composição de suas músicas. Mais tarde, nos anos 80, grupos musicais mais ousados passaram a experimentar elementos eletrônicos em suas composições, como o New Order e o The Past Mode. O momento *disco* e o início da popularização dos computadores pessoais pelo mundo também ajudaram na divulgação e no amadurecimento da cena eletrônica mundial.

Com a chegada dos anos 90, a música eletrônica evoluiu e deu espaço para a consolidação e diferenciação entre os diferentes estilos hoje conhecidos, como o *house*, *techno* e o *trance* (breves explicações sobre os mais populares estilos de música eletrônica encontram-se no *Glossário* deste trabalho). Foi também nesta década que houve a popularização das *raves* (festas regadas à música eletrônica), que passaram a tomar lugar não só na Europa e EUA, mas também em outros continentes, como América do Sul e África – onde acontecem, atualmente, os maiores festivais de música eletrônica do mundo, possivelmente devido às belezas naturais e ao crescente público destes lugares que passou a interessar-se nestes estilos musicais.

Atualmente, as festas eletrônicas acontecem com bastante frequência por todo o globo e o Brasil é um dos maiores públicos para estes eventos, inclusive a região Centro-Oeste. O Distrito Federal, por exemplo, recebeu, nos últimos anos, a visita de grandes expoentes da cena eletrônica mundial – fato que se pôde constatar com as entrevistas realizadas pelo *Correio* com DJs de diferentes nacionalidades que se apresentaram em eventos da cidade.

## 1.3 Objetivos

### 1.3.1 Objetivo geral

Analisar de que forma o *Correio Braziliense* percebeu e noticiou as festas de música eletrônica e os participantes destes eventos no período de 1º de junho a 30 de setembro de 2005.

### 1.3.2 Objetivos específicos

- Analisar o trabalho do *Correio Braziliense* na veiculação de notícias sobre música eletrônica;

- Identificar quais são os temas freqüentemente relacionados à música eletrônica;

- Perceber se existem matérias tendenciosas sobre o assunto ou se a cobertura foi realizada com isenção;

- Apontar a periodicidade que o tema aparece no jornal;

- Relatar de que formas (matérias, entrevistas, em *boxes*, capas dos cadernos etc) e em que cadernos o tema música eletrônica foi veiculado no jornal.

#### 1.4 Descrição sucinta da metodologia

O *Correio Braziliense* oferece, em seu site, um serviço pelo qual os assinantes do jornal podem acessar edições anteriores do veículo por meio de busca por palavras-chave. Para a obtenção do material analisado, foi realizada uma pesquisa com as expressões “música eletrônica” ou “rave” em cada dia dos meses estudados, num total de 120 dias. Existiram 20 publicações sobre música eletrônica no *Correio* entre junho e setembro de 2005. Após seleção de todo o material que continha as informações desejadas, foi desenvolvida uma planilha para facilitar a visualização dos dados levantados. Ela especifica, em cada notícia selecionada, as informações trazidas nas reportagens: os jornalistas que as escreveram, os assuntos tratados e os títulos que nomeavam as matérias, o estilo da notícia (reportagem, entrevista, crônica etc.), os meses, dias, cadernos e páginas em que foram veiculadas, além de um breve comentário a respeito delas.

Com a construção da planilha, foi possível verificar a quantidade de matérias publicadas sobre o assunto estudado em cada mês, os temas relacionados à música eletrônica que costumavam se repetir nas veiculações, quais gêneros jornalísticos prevaleciam na exposição das informações e, também, a maneira como o jornal tratou o cenário eletrônico nacional.

### **1.5 Apresentação da estrutura e da organização da monografia**

Esta parte do trabalho serve para indicar o que cada um dos itens da monografia contém. Na primeira parte, a *Introdução*, há uma apresentação geral do trabalho: a que ele se propõe, as hipóteses levantadas e os objetivos a serem alcançados. A seção *Justificativa* é onde se encontram as razões pelas quais o tema foi escolhido, além do por que da formulação dos objetivos e da delimitação do tema. A *Contextualização* está aí para inserir o leitor na discussão proposta, para familiarizá-lo com os temas que serão estudados, enfim, para contextualizar o assunto.

Na seção *Objetivos* estão as questões que devem ser trabalhadas, os pontos a serem alcançados pela pesquisa, ou seja, o local a que se pretende chegar com a monografia. A *Descrição Sucinta da Metodologia*, como já propõe o título, serve para explicitar os caminhos utilizados pelo pesquisador para conseguir as informações que necessita, isto é, serve para explicar a metodologia utilizada para a coleta dos dados desejados.

Na segunda parte da monografia, o *Desenvolvimento*, estão os pontos necessários para o andamento e feitura do trabalho de acordo com os objetivos propostos. No *Embasamento Teórico*, uma das seções mais importantes da pesquisa, encontram-se os referenciais teóricos que fundamentam e explicam o tema estudado sob a luz das teorias do jornalismo. Há, também, espaço para contextualização do assunto e possível comparação com outros trabalhos já realizados. A *Descrição sucinta da metodologia* é uma breve explicação dos métodos utilizados no trabalho para a obtenção das informações necessárias para o desenvolvimento do mesmo.

A parte *Com quem e com o que foi feito* esclarece os procedimentos de escolha do objeto e da população ouvida, além dos instrumentos de pesquisa. A seção *O que foi feito* apresenta o trabalho desenvolvido pelo pesquisador, ou seja, os procedimentos utilizados para a obtenção e organização do material necessário para o estudo (entrevistas, questionários, planilhas etc). Neste caso, foi desenvolvida uma planilha para a organização das informações obtidas com a pesquisa.

O material obtido é analisado na *Apresentação e discussão dos dados levantados*. É nessa parte que as informações obtidas são analisadas e discutidas de acordo com os objetivos propostos. Mais adiante, na seção *Considerações finais*, estão as reflexões e conclusões a que se pôde chegar depois de realizada toda a coleta e feita a análise do material levantado.



## 2. Desenvolvimento

### 2.1 Embasamento teórico

O jornalismo cultural brasileiro contemporâneo está causando, segundo Piza (2003), um sentimento de vazio e insatisfação nos leitores, que não encontram nos grandes veículos noticiosos as informações com a qualidade que buscam. Uma das principais causas deste sentimento é a falta de espaço para as publicações culturais nos veículos de comunicação diários.

Cada jornal possui um *dead line*, ou seja, um horário-limite que o jornalista possui para coletar, organizar, hierarquizar e escrever as reportagens. É a rotina do profissional: o período de tempo que ele possui para completar suas tarefas diárias, uma vez que os veículos noticiosos se alimentam de novas informações a cada dia. Segundo Jorge Pedro Sousa (2000, p.52):

A pressão do tempo, agudizada pela competitividade, levaria ainda os jornalistas a relatar freqüentemente as histórias em situações de incerteza, quer porque nem sempre reúnem os dados desejados quer porque necessitam de seleccionar rapidamente acontecimentos e informações. O factor tempo impediria também a profundidade [...].

A falta de profundidade foi uma das características que marcou a cobertura do *Correio Braziliense* sobre música eletrônica. Talvez por falta de tempo, talvez por desinteresse. Os estudos culturais percebem as publicações midiáticas como “produtos tendencialmente estandardizados e redutores que, reproduzindo, de alguma maneira, o sistema sócio-cultural, favorecem a manutenção do *statu quo*” (SOUSA, 2000, p.89). Todavia, estas publicações não podem deixar de tratar das exceções e das novidades, como a música eletrônica, uma vez que “o campo midiático, inserido no sistema sócio-cultural, é visto como sendo complexo, diversificado, variado e freqüentemente contraditório” (SOUSA, 2000, p.89).

Uma das teorias do jornalismo que contextualiza esse assunto é o *agenda-setting*. Segundo este modelo, os meios de comunicação têm a capacidade de agendar temas que serão objeto de debate público durante determinado período. Sousa (2002) discute a teoria afirmando que quanto mais ampla e continuada fosse a discussão sobre determinados assuntos nos *media*, maior seria a repercussão e importância que o público atribuiria a estes temas em suas agendas pessoais.

É relevante, também, para este estudo discutir as funções dos *gatekeepers*. Para DeGeorge (1981 apud SOUSA, 2000, p. 165-166), existe:

[...] permanente processo de seleção realizado pelos *gatekeepers* nos *media*, os quais, em primeiro lugar, determinam que acontecimentos são jornalisticamente interessantes e quais não o são e lhes atribuem diferente relevância em função de diversas variáveis, como a extensão (em tempo ou espaço), a importância (tipo de títulos, localização no jornal, frequência de aparecimento, posição no conjunto das notícias) e o grau de conflituosidade (a forma como se apresenta o material jornalístico) de todos os itens que devem passar o crivo. Algumas notícias são tratadas detalhadamente; outras merecem uma atenção supérflua; enquanto outras serão completamente ignoradas.

Os *gatekeepers* selecionam o que deve ser ou não notícia e depois hierarquizam e distribuem as reportagens no jornal. Percebeu-se, neste trabalho, que a música eletrônica só tornou-se notícia quando algum evento ou festa era divulgado, quando havia entrevistas com grandes nomes da cena ou quando estava associada à utilização de entorpecentes e prisões de traficantes de drogas em grandes festas.

De acordo com Sousa (2002), a forma como a matéria aparece no veículo noticioso pode influenciar, também, a opinião do público em relação ao assunto tratado. A música eletrônica esteve vinculada à drogas, de diferentes formas, em seis publicações durante o período de estudo deste trabalho. Esta associação, de acordo com a teoria em questão, pode ter influenciado a opinião dos leitores sobre os eventos de música eletrônica e os frequentadores destas festas.

O título que a reportagem recebe, o espaço no caderno e a natureza e conteúdo de suas publicações servem para nortear, ou até mesmo, induzir o leitor a pensar de determinada maneira. E essa seria uma das características da teoria do *agenda-setting*: sua capacidade de determinar quais são os temas discutidos pelo público na medida em que estes são diretamente influenciados pelo que vêem, ouvem e lêem (SOUSA, 2002).

## 2.2 Descrição da metodologia

Para a obtenção dos dados levantados, foi utilizado o serviço de busca por palavras-chave na página eletrônica do *Correio Braziliense*. Em cada dia dos meses estudados, foram realizadas buscas para localizar o que foi publicado entre junho e setembro de 2005 sobre música eletrônica no jornal. Com as informações já coletadas, foi realizada uma planilha de forma a facilitar a visualização e compreensão dos dados levantados para análise.

### 2.2.1 Com quem e com o que foi feito?

O objeto de pesquisa deste estudo é a maneira como o *Correio Braziliense* percebeu e noticiou as festas de música eletrônica durante o segundo semestre de 2005. Desta forma, não foi necessária a realização de fichas de observação ou entrevistas, uma vez que são as próprias reportagens o material a ser verificado.

As notícias analisadas foram obtidas no *site* do *Correio*, que possui um serviço que permite aos assinantes do jornal acessar edições antigas. Durante o período de estudo – de junho a setembro de 2005 – existiram exatamente 20 veiculações sobre música eletrônica no jornal, sendo elas matérias, notas, *boxes*, crônicas ou entrevistas.

A decisão sobre a escolha do período de análise foi diretamente influenciada por minha experiência pessoal em *raves* e festivais de música eletrônica pelo Brasil. Em 2005 – e também em outros momentos, é claro – houve grande polêmica e discussão sobre a difusão do movimento eletrônico pelo país e sobre o consumo de drogas ilegais em *raves*. O assunto esteve constantemente em pauta na mídia nacional, inclusive no *Correio Braziliense*.

### 2.2.2 O que foi feito?

Após a coleta dos dados pretendidos, foi construída uma planilha para organizar as informações obtidas. Ela traz informações sobre cada veiculação do jornal selecionada: o mês, dia, página, caderno, jornalista, gênero (matéria, entrevista, boxe, crônica etc.), o título e resumo da veiculação, além de um breve comentário sobre ela.

A construção da planilha - apresentada nas duas páginas a seguir - permitiu que fosse feita uma análise mais pormenorizada sobre os dados levantados. Com ela, foi possível perceber a periodicidade que o assunto foi tratado no jornal, como as veiculações vieram distribuídas no *Correio*, quais eram os temas freqüentemente associados à música eletrônica, além de, é claro, verificar o conteúdo destas publicações.

## 2.3 Apresentação e discussão dos resultados

Em todo o mês de junho de 2005, **nenhuma** notícia sobre música eletrônica recebeu destaque no *Correio Braziliense*. Não houve reportagens, entrevistas ou até mesmo notas que mencionassem a questão da música eletrônica. Ou seja, o jornal não publicou sequer uma matéria sobre o assunto em 30 dias. O tema apareceu somente em pequenos *boxes* para divulgações simples de festas nos fins de semana na seção *Divirta-se* do caderno de cultura – sendo que essa análise não faz parte do objeto de pesquisa deste estudo.

Julho foi o mais polêmico dos meses estudados. Nele, das cinco reportagens publicadas sobre música eletrônica, duas eram divulgações de festas. As outras três associavam de alguma forma os temas música eletrônica e drogas. Durante este mês, pessoas foram presas em duas grandes festas eletrônicas: na *Federal Weekend* (uma das festas mais caras da capital), que aconteceu no hotel *Blue Tree* e na *Trancendence*, maior festival de música eletrônica do Centro-Oeste. Este segundo evento teve duração de cinco dias e aconteceu na Chapada dos Veadeiros. Percebe-se que em julho, mês de férias, o tema droga apareceu em três matérias que receberam destaque no jornal, o que é algo significativo, já que a música eletrônica teve pouco espaço no *Correio* durante os meses estudados. As outras duas veiculações caíram na mesmice da simples e vaga divulgação de eventos movidos à música eletrônica – o que ilustra o desafio proposto por Piza (2003), que é fazer com que o jornalismo cultural brasileiro seja mais que uma mera agenda de eventos e festas.

Duas notas, uma sobre o cancelamento e outra sobre a posterior autorização para a realização da *Trancendence*, foram publicadas em julho. Uma terceira, da seção *visto, lido e ouvido*, de Ari Cunha, explicita a opinião, um tanto preconceituosa, do jornalista em relação às *raves*. Nesta nota intitulada *Óbvio*, ele afirma que “muito mais difícil do que encontrar agulha no palheiro é existir uma festa *rave* onde não haja consumo de drogas” – o jornalista somente esqueceu-se de dizer em quantas festas *rave* ele já esteve presente. Outro destaque do mês foi a curta entrevista – mais uma vez torna-se aparente o problema da falta de espaço nos cadernos culturais – com o DJ e produtor musical Jeff Mills. Ele, um dos criadores do *techno* (uma das vertentes da

música eletrônica) discutiu a evolução das produções dele e as influências musicais que o inspiraram – perguntas que se repetiram em quase todas as entrevistas realizadas pelo *Correio*.

Houve poucas publicações, mais uma vez, sobre música eletrônica em agosto de 2005 no *Correio Braziliense*: apenas três. Duas eram, novamente, divulgações com destaque para festas na cidade. A terceira matéria relacionava, de novo, música eletrônica e drogas. Percebe-se, na cobertura do jornal, a repetição incessante dos mesmos assuntos, o que revela ineficiente utilização de espaço e oportunidades para esclarecer o mundo eletrônico, que possui especificidades e características que imprimem o estilo de quem o compõe, aos leitores do *Correio*.

Segundo uma das publicações, as polícias Federal e Civil intensificariam a fiscalização sobre o tráfico e consumo de drogas ilegais em *raves* e *micarês*, festas embaladas pela música baiana e o *axé music*. Esta matéria é de uma página e possui informações diversificadas. Além de anunciar maior fiscalização em festas, traz também a opinião de DJs de Brasília sobre a imagem construída acerca das *raves*. Informa aos leitores, em um quadro, as leis de 2005 sobre porte, consumo e tráfico de entorpecentes. Há também um box sobre o que os pais pensam a respeito de jovens que freqüentam festas de música eletrônica. A matéria é bastante informativa, mas reforça a pobreza de variedade de temas atrelados à música eletrônica apresentados no jornal.

O mês de setembro foi totalmente dedicado ao *Brasília Music Festival Mix* (BMF Mix), festival de dois dias de duração que uniu os públicos da música eletrônica e do *rock`n`roll*. O veículo realizou cobertura completa do evento: alimentou os leitores com informações sobre DJs e bandas que se apresentaram na festa, concedeu uma seção especial no caderno *Fim de Semana* para explicar os dois dias de BMF Mix em detalhes e realizou um balanço geral do evento. Nota-se que o mês de setembro inteiro foi dedicado a esta festa. Outros eventos não receberam destaque neste período, ou seja, um mês inteiro dedicado a somente um evento. Esta seria uma boa oportunidade para explicar aos leitores as diferenças entre os estilos da música eletrônica e o que eles representam, mas estas elucidações não aconteceram.



Três grandes nomes da cena eletrônica mundial que se apresentaram no BMF Mix foram entrevistados pelo *Correio*: Paul Van Dyk, DJ alemão de *trance*; o DJ canadense de *electro* Tiga e Derrick May, norte-americano que ajudou na concepção do *techno*, um dos estilos da música eletrônica. As entrevistas foram pequenas e superficiais e faltou criatividade nos assuntos abordados, quase sempre os mesmos. Isso significa um desperdício de oportunidade, já que houve possibilidade não aproveitada de discussão de idéias associadas à música eletrônica com alguns dos maiores expoentes, inclusive um dos criadores, dos sons eletrônicos.

Setembro foi o único mês em que o *Correio Braziliense* apresentou em capa algum tema relacionado à música eletrônica, ainda que com o mínimo de destaque (um pequeno boxe sobre o *Brasília Music Festival Mix* na parte inferior direita da primeira página). Além de aparecer na capa do jornal, o *BMF Mix* recebeu uma criativa ilustração na primeira página do caderno *Fim de Semana*. Esta é uma das características do jornalismo cultural contemporâneo que Piza (2003) aponta: a dificuldade que os temas culturais enfrentam para serem publicados na capa de um jornal diário.

Em suma, a cobertura do *Correio* sobre música eletrônica no segundo semestre de 2005 limitou-se a divulgações de festas, entrevistas com DJs e outras matérias que associavam drogas à música eletrônica.

### 3. Considerações finais (conclusão)

Após análise das matérias levantadas é possível fazer uma avaliação quanto a cobertura da música eletrônica pelo *Correio Braziliense*. Entre junho e setembro de 2005, as formas predominantemente utilizadas pelo jornal para veicular informações sobre a cena eletrônica foram matérias para divulgação de festas (a tendência ao agendamento), entrevistas com DJs (pequenas e superficiais) e algumas reportagens envolvendo drogas e *raves*. Além disso, ainda houve uma crônica e outras três notas que citaram o tema.

Em nenhum momento da análise, o *Correio Braziliense* publicou alguma matéria que explicasse o que é música eletrônica, quais são os estilos que a compõem, o que ela significa para os frequentadores destes eventos e qual foi o caminho percorrido por ela para chegar ao seu momento atual. A falta de criatividade na abordagem do assunto imperou na cobertura do *Correio*. O jornal limitou-se a divulgar festas que traziam atrações reconhecidas na cena eletrônica. Em outros momentos, suas páginas foram utilizadas para reforçar o pensamento comum existente sobre o consumo desenfreado de drogas ilegais em *raves*, o que eu, de acordo com minha experiência pessoal enquanto DJ e frequentador de eventos eletrônicos há sete anos, percebo não acontecer da forma como o jornal relata. O tema *drogas* apareceu associado à música eletrônica em cinco reportagens somente nestes quatro meses de pesquisa, o que é bastante representativo, já que são 20 as veiculações estudadas durante os quatro meses de pesquisa.

Outro ponto que chamou a atenção foi que no mês inteiro de junho não houve reportagem ou mesmo alguma nota que mencionasse o tema música eletrônica. A falta de atenção e interesse do veículo e o descaso com o assunto se fazem perceber na cobertura de junho do jornal.

Outra falha perceptível foi em relação às entrevistas. O *Correio* teve a oportunidade de conversar com personalidades influentes da música eletrônica e não soube aproveitá-las ao limitar-se a indagar questões corriqueiras e sem profundidade. Nomes consagrados da música eletrônica, como Jeff Mills, Paul van Dyk, DJ Tiga e Derrick May foram entrevistados nestes meses. Todavia, os encontros receberam

pouco espaço no jornal e as entrevistas acabaram acontecendo de forma superficial e insossa. Esse é um dos graves problemas enfrentados pelo jornalismo cultural nacional: a falta de espaço para as publicações e a pouca importância relegada aos cadernos de cultura, apesar de ser um dos mais visitados nos jornais impressos diários e de possuir importante papel na criação da afetividade entre o leitor e o jornal (PIZA, 2003). Percebe-se também que somente DJs foram entrevistados. Onde estão os organizadores, produtores e freqüentadores destes eventos? O que eles pensam a respeito da cena eletrônica atual é outra lacuna existente na cobertura do *Correio Braziliense*.

Cabe aos jornalistas e aos veículos de comunicação buscar alternativas e soluções para os problemas enfrentados e, desta forma, tornar o jornalismo cultural contemporâneo mais rico, criativo, possuidor de verdadeiro conteúdo informativo e que satisfaça os leitores destes cadernos.

## 4. Referências

PIZA, Daniel. *Jornalismo Cultural*. São Paulo: Contexto, 2003

SOUSA, Jorge Pedro. *As notícias e seus efeitos*. Coimbra: MinervaCoimbra, 2000

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. *Dicionário de Comunicação*. 2. ed. rev. e atualizada. São Paulo: Campus, 2001

SOUSA, Jorge Pedro. *Teorias da Notícia e do Jornalismo*. Chapecó: Argos, 2002

Internet:

Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/musica\\_eletronica](http://pt.wikipedia.org/wiki/musica_eletronica)>. Acesso em: 30 mar. 2007.

Disponível em: <<http://www.zuvuya.net>>. Acesso em: 22 abr. 2007.

Disponível em: <<http://www.zinecool.com.br/forum>>. Acesso em: 2 maio. 2007.

Disponível em: <<http://www.atbstudio.hpg.ig.com.br>>. Acesso em: 28 abr. 2007.

## 5. Glossário

### Estilos mais difundidos da música eletrônica:

. *Electro*: Surgiu na década de 80, nos Estados Unidos, especialmente em Detroit e Nova Iorque. Possui influências do *funk*, da música *disco* e do *rock'n`roll*. Caracteriza-se por seus graves pesados e melodia psicodélica. Som dançante que costuma ser acompanhado por vocais.

. *House*: Um dos primeiros estilos de música eletrônica a ser criado. Surgiu em Chicago, EUA, no final dos anos 80, e possui como marca registrada a fusão de elementos do *soul music* e do *disco* somados à bateria eletrônica. Possui diversos subgêneros como o *Deep*, o *Jazzy* e o *Tribal House*.

. *Techno*: Criado por Derrick May, Kevin Saunderson e Juan Atkins, possui uma base repetitiva e seca aliada a sons industriais e mecânicos, que substituem os vocais. Nasceu em Detroit, EUA, e foi fortemente influenciado pelo som da banda Kraftwerk.

. *Trance*: É caracterizado por melodias psicodélicas e batidas tribais, que somadas a *grooves* influenciados por sons indígenas, resultam em uma música bastante animada e dançante. Algumas correntes defendem que o *trance* teve origem em Frankfurt, Alemanha, enquanto outros acreditam ser Goa, Índia, o berço deste estilo da música eletrônica. Possui algumas ramificações como o *Progressive*, o *Psy*, o *Goa Trance* e o *Full on*.

### Gêneros jornalísticos (definições de acordo com o Dicionário de Comunicação):

. Reportagem: “Conjunto de providências necessárias à confecção de uma notícia jornalística: cobertura, apuração, seleção de dados, interpretação e tratamento, dentro de determinadas técnicas e requisitos de articulação do texto jornalístico informativo”.

\* O termo *matéria* foi utilizado no mesmo sentido de *reportagem*.

. Entrevista: “Trabalho de apuração jornalística que pressupõe contato pessoal entre o repórter e uma ou mais pessoas, de destaque ou não, que disponham a prestar informações. [...] Tipo de matéria jornalística redigida sob a forma de perguntas e respostas. Reproduz o diálogo mantido entre o repórter e o entrevistado”.

. Crônica: “Texto jornalístico desenvolvido de forma livre e pessoal, a partir de fatos e acontecimentos da atualidade, com teor literário, político, esportivo, artístico etc. [...] É um meio termo entre o jornalismo e a literatura”.

- . Nota: “Pequena notícia destinada a informação rápida. Caracteriza-se por extrema brevidade e concisão.
- . Boxe ou quadro: “Espaço, geralmente delimitado por fios, que traz informações adicionais ao corpo de uma matéria jornalística”.
- . Notícia: “Relato de fatos ou acontecimentos atuais, de interesse e importância para a comunidade, e capaz de ser compreendido pelo público”.

## 6. Anexos

- Todas as matérias levantadas e planilha.